



Luciana Lazzeretti

CRISE NA EUROPA:

“O ser humano precisa voltar a ser o centro da
economia e não a periferia”

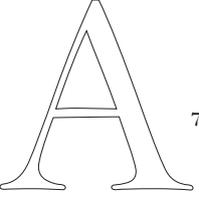
POR CARLOS GOLEMBIEWSKI E MARIA GLÓRIA DITTRICH

De tempos em tempos, a economista e professora, doutora Luciana Lazzeretti, viaja para algum lugar do mundo. Seu objetivo é ampliar o seu olhar dentro de outras culturas, como também dar um tempo para o trabalho que desenvolve no Curso de Doutorado em Economia e Gestão da Empresa na *Università degli Studi di Firenze* (Florença, Itália).

Nestes momentos de interação cultural e acadêmica, faz reflexões e busca novos desafios. Para nossa sorte, desta vez, ela escolheu o Brasil. A convite da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), ela passou um mês por aqui. Além dos passeios à região, conversas entre alunos e professores, fez a conferência de abertura do Mestrado Profissional em Administração, lançado em abril deste ano pela universidade. O tema abordado foi a “Indústria Criativa”.

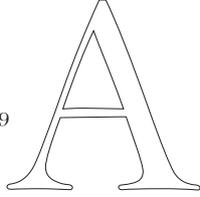
Aos 62 anos, cheia de vida e bastante crítica em relação à sociedade atual, a professora doutora Luciana Lazzeretti falou com exclusividade à Revista Brasileira de Tecnologias Sociais. Entre os assuntos, a inovação e a crise econômica na Europa.

Para ela, “o ser humano precisa voltar a ser o centro da Economia e não a periferia”. Explicou que a crise no Continente Europeu não atinge a todos os países da mesma maneira: “existe uma diferença entre o Norte e o Sul” e fez uma revelação: “já se discute a fome na Itália”. A entrevista durou uma hora, com a mediação dos professores doutor Carlos Golembiewski (CG) e doutora Maria Glória Dittrich (MGD), ambos do Mestrado em Gestão de Políticas Públicas da UNIVALI. A seguir, os principais trechos desse encontro:



CG - Antes de falar de inovação criativa, como a senhora avalia a situação hoje da Economia Europeia?

Luciana - Existe uma situação diferente entre o Norte e o Sul da Europa. Nos países como Itália, Portugal, Espanha, para não falar da Grécia, como todo mundo sabe, teve uma velocidade de reação diferente do Norte da Europa. Seria necessário ter uma política europeia muito mais orientada, uma política de ajuda. E agora, nós temos uma Europa que é muito mais momentânea e financeira do que europeia de verdade, que tem também uma integração econômica, e tem como objetivo caminhar junto para fazer uma unidade importante para enfrentar os Estados Unidos e a China. Porque cada país é pequeno demais para enfrentar a globalização. O debate é muito forte. E se diz que o problema está em grande parte na crise, mas, também, em como se questiona a crise. O tema da centralidade da Alemanha é um tema que domina o debate. Eu acho que não tenho a competência necessária para falar de um tema tão complexo. Mas vou dar exemplos, como o livro *“O Capital do Século XXI”* (Editora Intrínseca, 2014), que foi escrito pelo economista francês Thomas Piketty, que até já foi conselheiro do presidente Obama. O autor traz uma reflexão que está à margem das discussões. É um livro que pode ser lido por pessoas que não são especialistas em economia. É um texto de história da economia que ajuda saber aquilo que já foi pensado para interpretar, pensar o futuro. Saber o que aconteceu há muito tempo. Ajuda a ver a nova trajetória, para onde estamos nos encaminhando. É um assunto que se não fizermos algo não vamos a lugar algum. É o tema da desigualdade. O tema da desigualdade não gera democracia, não gera o bem-estar, cria problemas como os que existem no Brasil: a falta de segurança. Esse livro muda o foco do debate. Estamos falando de um europeu que começa a falar das crises importantes da vida. Eu espero que este debate seja colocado sobre um nível muito mais alto do que está agora, que é sempre a questão dos “negócios”. Outro livro interessante é de uma italiana que fez seus estudos nos EUA e agora vive em Londres. É uma mulher que fala do Estado empreendedor. O livro se chama *“Entrepreneur State”* (O Estado Empreendedor – Desmascarando o mito do setor público versus setor privado, de Mariana Mazzucato, Editora Portfólio Penguin, 2014). A reflexão que fez essa senhora é que o Estado é muito útil agora, porque a inovação maior é financiada pelo setor público, não pelo setor privado. E, antes de tudo, o exemplo que ela dá é sobre o financiamento do setor digital. Agora está se falando sobre a 3ª Revolução Industrial, que está baseada na digitalização, e isto não foi financiado pelo setor privado, mas financiado pelo setor público. Então, temos que refletir que tipo de inovação estamos falando. Estamos diante de uma bifurcação. Existe uma fragmentação, uma individualização, isto não significa que haja equilíbrio. Temos que encontrar um novo equilíbrio. E se as coisas estão mudando, nós temos que estar dentro dessa transformação e pensar uma forma de trabalhar para ajudarmos o desenvolvimento deste período. Temos que pensar à frente, com novas tecnologias ‘que terá’ que levar adiante tudo que existe na web. E fazer progressos, progressos científicos, econômicos, sociais, porque o progresso é para o homem e não para a Economia. Bom, neste tipo de movimento, de pensamento, acredito que esteja acontecendo na Europa outra vez. Existe gente que não tem a voz muito alta, mas não significa que não tente. Você sabe o fogo que aparece quando existe brasa. Outro assunto importante é o crescimento sustentável, que está sendo reconhecido como um tema global que é o Meio Ambiente. Então, o Meio Ambiente, o modelo de produção que nós estamos levando adiante não está muito bem. E, em lugares, como o Fórum Econômico Mundial que é realizado em Davos na Suíça, já se fala em resiliência como um conceito muito importante que se tem que olhar bem, porque os desastres não são coisas que acontecem e passam de forma eventual e nada mais. Temos acontecimentos todos os dias. Então, do ponto de vista do significado, a etimologia da palavra



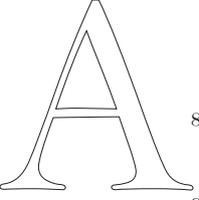
evento significa de vez em quando. Mas não estamos falando da economia do evento. Ou seja, são eventos ou a vida cotidiana? Na Itália, por exemplo, nunca ‘aconteceu’ tantos problemas, como furacões, deslizamentos. Crises assim nunca aconteciam. Por isso, o conceito de resiliência significa não somente voltar ao estado de equilíbrio preexistente, como era o conceito físico (engenharia da resiliência), mas temos que falar da resiliência social. Na economia significa que não podemos ficar esperando que algo aconteça em relação à crise que começou em 2008. É preciso absorvê-la e absorver é reagir. O estudo que eu estou fazendo se chama Criatividade: o conceito de resiliência a partir do Estado. Ou seja, o trabalho implica a criatividade do ponto de vista econômico, sem esquecer-se da vida das pessoas.

CG - E falando nisso, como está a vida do cidadão comum na Europa, principalmente, após a crise econômica que começou em 2008?

Luciana - Piorou. A classe média empobreceu muito. Se você não fizer algo, a desigualdade provoca um monte de problemas, não só para o consumo, mas também para a Democracia. Agora, já está se discutindo na Itália que existem pessoas que estão com dificuldade para comer. O povo trabalhador está vivendo uma crise que antes nunca tinha acontecido; porque a crise é longa, mas não é igual. Alguns setores, como o de “moda”, conseguem resultados pontuais porque os seus produtos são fabricados no estrangeiro. Assim, eu acredito que se tem que refletir sobre o que está acontecendo. Porque, como ensina o sociólogo polonês Zigmunt Bauman (Vida Líquida, Zahar Editora, 2009), o Estado, que era sólido, hoje está líquido, ou seja, tudo nos escapa, não controlamos mais nada. O jovem pensa que ele não tem emprego. Antigamente, havia jovens dentro das empresas. Hoje, não. Porque se tem que trabalhar até os 67 anos de idade. Isso é uma loucura. Isso foi posto há dois anos. Na prática, o que está se fazendo (o governo) é uma política recessiva. Não são políticas que produzem inovação. Assim, não se fica fora da crise. Por isso, te digo, a resiliência é uma coisa interessante porque é um conceito relacionado com a natureza, com o meio ambiente. Mas que também pode se utilizar para a economia. Acredito que a sociedade que é mais resiliente (flexível), a comunidade que está mais conectada, é a que tem mais relação social. Mas se nós vamos destruindo a relação social, vamos destruindo a capacidade de reagir do sistema econômico e social.

MGD - Você disse uma coisa muito interessante. Para podermos avançar, é necessário colocar o ser humano no centro para a produção científica, para a produção econômica e para a produção social. E isso demanda ter um novo olhar sobre o ser humano. Quem é o ser humano no tempo contemporâneo, transcultural? Ele é de uma transculturalidade que vive impactos e imprevisíveis, e sua própria movimentação de conceitos, de princípios de significados de relações. Quem é este homem nas relações consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Como você vê tudo isso?

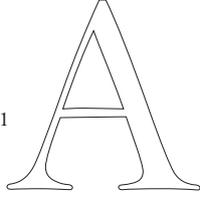
Luciana - Eu espero novos filósofos. Novas pessoas que coloquem o pensamento para o crescimento do progresso científico e humano no mundo. Isso nós estamos esperando da Europa e dos países desenvolvidos. Mas, a questão do homem do futuro é unida ao problema do homem conectado. Antes, o tempo do divertimento tinha que se buscar com força dentro do tempo do trabalho. Mas, agora, o tempo do divertimento é um tema social. É um assunto para manter a coesão social. É como a cultura, pode ser um recurso para o desenvolvimento local, pode ser um recurso para a inovação, mas agora, mais do que nunca, tinha que ser um recurso para a integração



social e para cobrar um pouco a conexão entre a diversidade dos homens que vivem em diferentes lugares, que devem construir novas relações, baseadas em novos instrumentos. É o problema da fragilidade do jovem que não pode viver mais sem estar conectado. E se você está sem celular, o que fazer? Você é capaz de viver sem celular? Tem esse tipo de crise. É um novo problema? Por isso, eu tenho que ser professora. E neste momento, tenho que ser mais professora do que antes. Temos que dar sustentação a esse jovem. Mas o que pode emergir disso se somente existe uma sociedade conectada? A solidariedade, a comunidade, a ajuda, a maneira de conectar-se, tudo isso permite o primeiro nível de reação. Depois, a criatividade do homem, os artistas são os mais resilientes (flexíveis) que existem, mas agora, os jovens se dizem muito criativos, mas o que fazem é muito temporal. Portanto, se não tiverem algo fixo, constante, não poderão construir nada. Como lembra Bauman, essa é a vitória do Capitalismo líquido. A vida caminha nesta direção. Posso falar com meu marido que está na Itália a qualquer momento. Mas que mundo é esse que estamos conectados globalmente? Que tipo de homem estamos construindo? Ele será capaz de reagir?

MGD - Isso me faz pensar fortemente, porque este é o problema. O problema da ciência, o problema do mundo da educação, o problema dos processos, do cuidado da saúde, das políticas públicas, como propriamente uma organização de planejamento, de ideias que vão se traduzir em ações para o bem comum. O que acontece é que até agora os sistemas de governo e, especialmente, uma cultura altamente tecnológica, está voltada para o consumo. Como diz Bauman, é um consumo de pura ação delirante, o qual propriamente causa no ser humano uma dependência, que quase paralisa o pensamento criativo e crítico e aciona uma estrutura de pensar que envolve muita cópia e pouca imaginação. Mas aqui está colocada uma compreensão antropológica e psicológica, com uma raiz filosófica, já que ainda o homem está olhando o mundo de uma forma expropriadora e eminentemente dualista. E quando falo de dualismo, estou falando justamente dessa visão, na qual o homem é visto muito mais como um corpo e uma razão, e não como um homem integral, de múltiplas dimensões. Por isso, suponho que essa é uma questão difícil que estamos construindo e que nos desafia. Mas, na minha compreensão, terá que ser uma construção que vai levantar um conceito de um homem multidimensional, que até agora não acontece, por exemplo, nas políticas de educação, nas políticas do trabalho. O que se vê hoje é um homem produtor e produto, uma relação epistemológica materialista e difícil. Por que isso ocorre? Porque há propriamente uma expropriação do humano. Não lhe parece?

Luciana - Queria utilizar dois conceitos: o conceito de criatividade e o conceito de indústria, criativa, os quais são diferentes. No conceito de indústria criativa está escrito que a indústria criativa pode ser uma oportunidade para sair da crise, e pelo que se nota agora, está se industrializando a atividade cultural e criativa, então, se produz de verdade um setor novo muito forte. Esse é um assunto importante, é um tema da indústria que envolve todo esse *software* aplicado no produto cultural e no tema da comunicação. Se pensarmos no *videogame*, por exemplo, e em todas as coisas que nunca pudemos pensar antes, isso é um fenômeno econômico importante. Outra questão é o desenvolvimento econômico que está acontecendo agora, se observarmos, por exemplo, o que isto influencia no mundo *fashion*, no *design*, como na tecnologia transversal. Isso significa que, nessa época, o valor simbólico é muito importante e que tem um componente cultural embutido num produto que é a imaginação. Estamos vendendo a imaginação e, quando isso ocorre, estamos vendendo algo que ultrapassa a validade. Então, quando produzimos coisas e todo mundo trabalha nisso, isto é um tema econômico.



CG - E parece que neste momento estamos vivendo uma espécie de escravidão digital. Todos nós nos dispositivos, todos os estudantes estão migrando para os dispositivos.

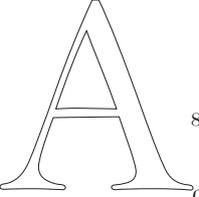
Meu filho disse que se não se está no *facebook*, não se existe. Posso estar, por exemplo, falando com eles, posso me permitir não estar no *facebook*. Agora, se quero me relacionar, tenho que estar. É um tipo de mundo que está dominando a relação das pessoas solitárias. Mas a solidão continua. Esse tipo de sociedade não é resiliente (equilibrada), se tenho que utilizar o tema da resiliência, quando tem algo que acontece que é muito grande, uma dor, uma morte, por exemplo. Você precisa do calor humano, necessita da palavra, necessita não estar sozinho. E onde está tudo isso neste mundo? Nós estamos vendendo para nosso jovem somente este tipo de sonho?

MGD - Este é um grande desafio. A comunicação virtual. Porque são outras instâncias de realidade. A realidade em que as pessoas vivem se comunica e se constrói do ponto de vista do “ser” no mundo.

É preciso refletir sobre o tempo. Porque o espaço nós temos destruído. Porque o conceito de proximidade antes era um conceito físico. Depois, era um conceito cognitivo, mas institucional. Mas, no final, social. O que significa isso? Com a globalização não é necessário que você esteja ao meu lado. É suficiente que eu esteja conectada contigo, por que tenho algo a ver? Ou por que a instituição a qual você pertence é parecida com a minha, ou por que sua maneira de pensar é similar à minha? Mas por quanto tempo? Então, peço ao filósofo para refletir sobre o tempo. Porque o tempo da economia é o tempo da empresa. O conceito de programação econômica na era dos “*managers*” que têm como planejar para 3,4,5 anos. Isto seria em longo prazo. Mas o conceito de longo prazo é completamente diferente do conceito da evolução, da transformação. Então, somando o tempo da economia, você vai ter um belo choque, porque o corpo humano não pode correr tanto, não aguenta.

MGD - Exatamente. A questão do tempo e espaço é uma questão que nos abre novas reflexões. Se pensarmos, por exemplo, desde o movimento do tempo e espaço que Kant já propôs. O fenômeno tempo e o espaço é movimento da consciência. Então, a explicação que você apresenta aqui é uma explicação muito pertinente, porque é o movimento da consciência, por exemplo, nas relações mercadológicas, em que a consciência atravessa por meio dos mecanismos de comunicação virtual. Ela atravessa justo um processo cronológico. E o movimento do processamento da informação não ocorre pontualmente, mas biologicamente, psicologicamente e espiritualmente. E o homem não tem suporte para poder viver este processo enlouquecido do consumo, do trabalho pelo trabalho. E aí poderemos ter problemas de saúde, por exemplo.

Luciana - Esta história do tempo de trabalho e o tempo de repouso, do descanso, do ócio, não são mais diferentes. Em casa, a gente está sempre conectada ou mandando *e-mail*. Por quê? De dia, de noite, sempre. Esta é uma tendência que não está regrada, regulamentada. Por isso, precisamos dos educadores. Eu utilizo a palavra educador. Educador é um professor dos meninos pequenos e até dos doutores. Os doutores que tenho no meu curso de doutorado são uma maravilha: tem todo o tipo de criatividade que você pode ter à mão, mas são extremamente frágeis. Então, a educação é o assunto estratégico do futuro, não podemos não utilizar a nova tecnologia, porque está na lei que temos, não podemos voltar a não tê-la mais. Mas pense no valor da escrita. Quando você está escrevendo uma palavra, ela pode carregar, pode colocar, pode resguardar o tempo da tua respiração. Em outro momento, não. Olha a caligrafia, estou falando sempre do meu



filho adolescente. Não sabe escrever mais. Mas não sabe escrever da maneira manual, utilizando este tipo de instrumento. Escrever é como uma pintura. Escrever carrega a tua personalidade. Quando você olha para o modo de escrever da pessoa, você não percebe se ela está bem ou não dentro de si. É só arte humana. É o homem que mantém a capacidade. Então, arte e tecnologia são um dilema desta época. Tem que ser uma oportunidade que deve ser aproveitada por todos nós educadores. Como isso será feito? Não sei. Temos que aprender a fazer.

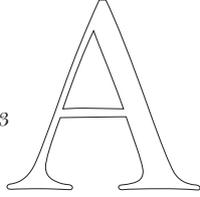
CG - Neste sentido, professora, me parece que a universidade está perdida e não sabe o que fazer com os estudantes que têm os dispositivos móveis. Para onde vamos? O que devemos fazer?

MGD - Isso nos lembra de que precisamos pensar na formação do professor. Um mestre que vai trabalhar com criatividade nos processos de ensino e aprendizagem. E o que temos, muitas vezes, são grandes problemas. Pessoas trabalham no ensino, mas a criatividade, como uma categoria fundamental para refletir nos processos didáticos, pedagógicos de uma prática, nem sempre acontece. Por sinal, fizemos uma pesquisa sobre a criatividade no ano de 2004 na região do litoral catarinense, do Vale do Itajaí até Porto Belo. Perguntamos o que os professores entendiam como criatividade na sua prática pedagógica. E trabalhamos com um conceito mais racionalista, e com um mais fenomenológico. Mas os professores, infelizmente, com raríssimas exceções, não sabiam do que se tratava. Não sabiam sequer explicar um conceito de criatividade com coerência epistemológica e sua aplicação na prática. O que constatamos foi que os professores de educação artística trabalhavam com repetitivas práticas de arte e com dominância na cópia. Então, isso é um resultado gravíssimo, porque como diz o grande pedagogo, teólogo brasileiro, Hugo Assmann (Reencantar a Educação, Petrópolis, Vozes, 2001): ‘A maior causa morte da educação é quando o professor não entende e respeita a criatividade do aluno’.

Luciana - Mas para que ela ocorra é necessário disciplina. Por isso te respondo com outro pensador grego que diz: “rigor é imaginação”. Os dois têm que andar juntos, porque estão em sintonia em muita coisa. Porque agora o poder é da comunicação, do instrumento midiático, que está governando o mundo. Não podemos contestar, não podemos discutir, assim é. E até que não metabolizamos este tipo de instrumento, até que não aprendamos como manuseá-lo, não poderemos ser compreendidos na era digital. Mas o que podemos fazer? Como sempre, utilizar o nosso conhecimento com muita ironia, e com muita contextualização, dizendo: esta é a arte que eu conhecia. Porque a inteligência tem fascinação muito mais que a comunicação. Porque, por exemplo, a arte de utilizar a palavra, a profundidade, tem uma interpretação. Por que não? Todo momento histórico tem um valor que é mais reconhecido do homem em geral. E nós temos que escutar e adaptar-nos. Este é o meu pensamento. Gosto de falar de mim como um “*coach*” agora; como um “*alien*” que diz: bom, esta é a estratégia que eu conheço. Agora é você que tem que ir a campo. Agora é você e seu momento, e nem sempre se está na frente. Porque é um tema da juventude. Esta maneira de viver atual tem nos assustado muito. Bom, temos que acompanhar. Eu acredito que é a coisa mais difícil que nós temos que fazer neste momento.

CG - E agora nos fale um pouco da Economia Criativa. Como a cidade de Florença, na Itália, está vivendo todo esse processo?

Luciana - É algo que tenho medo, a indústria criativa de Florença tem um componente muito mais de tradição, não componente tecnológico. Sobre isso, tenho que falar de duas partes:



a parte cultural e a criativa. A parte criativa está mais conectada com as novas tecnologias. Por exemplo, a música na *performance* da arte acontece muito mais no norte da Europa, porque lá não existe patrimônio histórico. Tem o Museu dos Beatles. Por isso, a economia criativa mais globalizada aparece na música, pois é a música algo que se escuta no mundo todo. Entretanto, nada se diz sobre como esta mesma música estava, por exemplo, conectada com a música da África. Essa ligação poderia ampliar o desenvolvimento cultural e econômico daquela região. Mas, antes, isso podia definir uma indústria cultural e, quando se olha com o novo ponto de vista econômico e tecnológico, temos a indústria criativa. Então, a tradição, a cultura 'está sólida'. A criatividade está muito mais líquida. Tudo se vende e se consome muito rápido. Portanto, temos que aprender que, para fazer a restauração de uma obra, é preciso muito de tempo, mas a gente não quer utilizar tempo, porque não está educado ao prazer. Não está educado a sentir, simplesmente, temos que consumir. Por isso, Florença é mais sólida. Temos que estudar a arquitetura, a indústria *fashion*, mas o componente mais importante é a arte. Por quê? Porque temos artistas fantásticos. Temos uma pequena empresa em Florença que faz a produção para o mundo todo. Então, temos que destruir tudo isso porque você gosta da nova tecnologia? Não, por favor! É preciso combinar as coisas. Conservar e ver a indústria criativa que temos em Florença, que é muito mais a tradicional e não está aplicada às novas tecnologias. Não podemos falar de Florença como um *software*, mas podemos falar da cidade como um *fashion design*. E se *fashion design* não se faz com um computador, temos que combinar essas coisas. Não podemos continuar com a pintura a mão, porque a pintura a mão é para uma produção pequena e agora temos que pensar a produção como algo muito maior. Em Florença, temos escolas para fazer a arte. Algumas estão dentro de empresas, outras são financiadas pelo município. Então, o segredo está aqui, não se pode ter uma empresa cultural, e sim uma escola. E a universidade é uma escola. Não podemos 'esquecer disso'. A universidade só tem sentido se toda a fileira da educação funcionar. Senão, o que é a universidade? O que estamos criando?

MGD - A professora falou uma coisa muito importante que Bauman trabalha muito, que é o prazer. A senhora diz que a sociedade, as pessoas, não estão educadas para o prazer. Você poderia falar um pouco mais sobre isso? Porque parece que a sociedade vive justamente o consumismo, porque sente um prazer. Que prazer é este?

Luciana - A cultura é um prazer. Sem cultura não sente nada. O tempo do prazer é muito maior com a cultura. O tempo do prazer é a capacidade de estender o prazer. Do contrário, você não sabe aproveitar isso. Por isso, lhe digo que, a partir disso, podemos mudar o mundo. Porque se a comunicação é uma maneira de conectar-se, assim resolve um problema de solidão e lhe permite conectar-se com outras pessoas, porque o homem é um ser social, não está sozinho. Então, a globalização é uma socialização diferente, mas sempre uma socialização. Sobre o prazer, temos cortado a cor, estamos todos em preto e branco. Temos que colocar a cor novamente. Por isso precisamos dos artistas. Porque a minha capacidade de falar destes temas depende da minha condição pessoal com os artistas e agentes da cultura. Podemos fazer uma distinção com quem falar deste tema. Pode perguntar a uma pessoa, se ela é de verdade uma consumidora de cultura, e aí você terá diante de si algo que poderá compreender. Senão é negócio e, quando chegamos a falar de negócio sobre a alma, sobre o simbolismo, não vamos a lugar algum.